



GRAMSCI E FREIRE: UM DIÁLOGO ACERCA DA FILOSOFIA DA PRÁXIS E DA LIBERTAÇÃO¹

Janiara de Lima Medeiros²

Silvio Marcos Dias Santos³

Resumo

O artigo pretende um diálogo entre a filosofia da Práxis e a filosofia da libertação. Aborda inquietações acerca do processo de transformação o ser humano oprimido em sujeito livre. Para tanto, estabelece relações entre a leitura crítica e a formação humana numa perspectiva de integralização do sujeito social. Trata a liberdade à luz de Antonio Gramsci (1891-1937) e de Paulo Freire (1921-1997), destacando aspectos entre os olhares teóricos dos pensadores marxistas que alicerçam a formação política moderna, cujos pensamentos resultaram em importantes legados para a educação integral e as práticas pedagógicas contemporâneas. Busca compreender os objetos de análise de Gramsci e de Freire, centrada nas realidades nacionais por eles abordadas: os operários da Itália, oprimidos pelo fascismo e, no caso brasileiro, os “oprimidos” marginalizados pelo capitalismo brasileiro, cuja palavra e direitos são recorrentemente dificultados por fazerem parte de uma população periférica. Reflete sobre os entraves que cotidianamente subtraem a possibilidade do pensar consciente, crítico e libertado das violências imputadas a essa classe social. Trata-se de uma análise teórica e qualitativa, que compreende a hegemonia como um conceito de impactos controversos na edificação de uma formação crítica para a liberdade em prol da luta pela transformação social na atual conjuntura brasileira.

Palavras-chave: Antonio Gramsci. Paulo Freire. Estado. Leitura crítica. Liberdade.

GRAMSCI AND FREIRE: A DIALOGUE ABOUT THE PHILOSOPHY OF PRAXIS AND LIBERATION

Abstract

The article aims to establish a dialogue between the philosophy of Praxis and the philosophy of liberation. It addresses concerns about the process of transforming oppressed human beings into free subjects. To this end, it establishes relationships between critical reading and human formation from a perspective of integration of the social subject. It deals with freedom in the light of Antonio Gramsci (1891-1937) and Paulo Freire (1921-1997), highlighting aspects between the theoretical views of Marxist thinkers that underlie modern political formation, whose thoughts resulted in important legacies for integral education and contemporary pedagogical practices. It

¹ Artigo recebido em 07/12/2024. Avaliação em 09/12/2024. Aprovado em 18/01/2025. Publicado em 25/02/2025.

² Doutoranda em Educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE UFF), Linha Filosofia, Estética e Sociedade (FES). Integrante dos Grupos de Pesquisa (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE) e; Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: o Pensamento Crítico Latino-Americano e a tradutibilidade de Antonio Gramsci (GPETED), ambos vinculados à Universidade Federal Fluminense (UFF). Universidade Federal Fluminense (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3544078470911638>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728> E-mail: jlmmedeiros@id.uff.br

³ Doutor em Ciência da Informação, pela Universidade Federal Fluminense. Bibliotecário do Instituto Federal do Paraná. Curriculo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0008304260976771>. Orcid: 0000-0002-2448-7824. E-mail: silviosantos@id.uff.br

seeks to understand the objects of analysis by Gramsci and Freire, centered on the national realities they address: the workers in Italy, oppressed by fascism and, in the Brazilian case, the “oppressed” marginalized by Brazilian capitalism, whose word and rights are repeatedly hampered because they are part of a peripheral population. It reflects on the obstacles that daily remove the possibility of conscious, critical and free thinking from the violence attributed to this social class. This is a theoretical and qualitative analysis, which understands hegemony as a concept with controversial impacts on the construction of a critical formation for freedom in favor of the struggle for social transformation in the current Brazilian situation.

Keywords: Antonio Gramsci. Paulo Freire. State. Critical reading. Freedom

GRAMSCI Y FREIRE: UM DIÁLOGO ACERCA DA FILOSOFIA DA PRÁXIS E DA LIBERTAÇÃO

Resumen

El artículo pretende un diálogo entre una filosofía de la práctica y una filosofía de la libertad. Aborda inquietudes sobre do processo de transformação o ser humano oprimido em sujeito livre. Para tanto, establecemos relaciones entre la lectura crítica y la formación humana numa perspectiva de integralización del sujeto social. Trata a liberdade à luz de Antonio Gramsci (1891-1937) y de Paulo Freire (1921-1997), destacando aspectos entre los olhares teóricos dos pensadores marxistas que alicerçam a formação política moderna, cujos pensamientos resultarán em importantes legados para una educación integral e como prácticas pedagógicas contemporáneas. Busca comprender os objetos de análisis de Gramsci y de Freire, centrados en las realidades nacionales por los abordados: os operários da Itália, oprimidos pelo fascismo e, no caso brasileiro, os “oprimidos” marginados pelo capitalismo brasileiro, cuja palavra e direitos são recorrentemente dificultados por fazerem parte de una población periférica. Reflexione sobre los entraves que cotidianamente subtraem a possibilidade de pensar consciente, crítico e libertado das violências imputadas a esa clase social. Trata-se de un análisis teórico y cualitativo, que comprende una hegemonía como un concepto de impactos controversos na edificación de una formación crítica para la liberación en prol da luta pela transformação social na actual coyuntura brasileña.

Palabras clave: Antonio Gramsci. Paulo Freire. Estado. Lectura crítica. Libertad

Introdução

Este ensaio é inspirado a partir das reuniões do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação – NuFiPE, realizadas no segundo semestre de 2024, em que a temática do discurso de ódio foi alvo de debate e reflexões, entre outros assuntos correlacionados.

O presente ensaio reflete-se a relevância da leitura crítica à luz de Antonio Gramsci e de Paulo Freire. Parte da análise de algumas obras dos autores, com destaque para “Os Intelectuais e a Organização da Cultura” (Gramsci, 1982) e “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 1977), o que sistematiza este trabalho.

Nascido em dia 22 de janeiro de 1891, Gramsci, deficiente físico⁴, foi criado em realidade de dificuldades financeiras, o que não o impede à construção do pensamento a partir da análise sócio/histórica e econômica da sua época. Cursou Literatura na Universidade de Turim⁵, iniciando estudos na área de arte e linguagem.

⁴ Por Altamiro Borges https://altamiroborges.blogspot.com/2011/01/vida-e-obra-de-antonio-gramsci.html#google_vignette Acesso em nov.2024 Referenciando FIORI, Giuseppe. A vida de Antônio Gramsci, Paz e Terra, RJ, 1979.

⁵ Por Dilva Frazão. Biblioteconomista e professora Fonte: https://www.ebiografia.com/antonio_gramsci/ Acesso em nov.2024

Freire nasceu em 19 de setembro de 1921. Após o falecimento do pai, a família passou por necessidades financeiras, o que não o impediu de progredir com os estudos e cursar filosofia da linguagem, iniciando sua trajetória como docente de Língua Portuguesa⁶.

Embora venham de contextos históricos e políticos diferentes, ambos têm afinidades na trajetória escolar. Vivenciaram dificuldades durante a infância e viveram tal como vive a maioria dos filhos da classe trabalhadora da sociedade brasileira.

Agravada com a recente epidemia da Covid 19, a crise brasileira inclui queda na renda e do poder aquisitivo, desemprego em massa, informalidade e a chamada ‘uberização’. Saindo de uma situação de quase pleno emprego, até 2015, o que se viu foi uma grave crise econômica e social, conforme destacou o site da Agência Senado, ainda em 2021, “Especialistas apontam muitos desafios para a classe trabalhadora neste 1º de Maio”⁷. Ainda neste cenário, uma matéria em maio de 2024, assinada pela mesma agência fala sobre a situação da classe trabalhadora no Brasil referenciada em uma pesquisa da agência Tricontinental. A pesquisa indaga sobre “O que fazer diante da vulnerabilidade cada vez maior da classe trabalhadora brasileira?”. Tal questionamento está relacionado aos índices alarmantes verificados junto a classe trabalhadora, tendo em vista a precariedade laboral expressa pela taxa de informalidade (38,9%) e “em uma expansiva taxa de subutilização da força de trabalho (17,9%)”.

Tanto Gramsci quanto Freire, ambos vivenciaram uma formação que lhes permitiram analisar, a partir dos respectivos processos culturais e políticos, a perspectiva integral de uma educação capaz de transformar suas vidas e garantir reflexões que impactaram a sociedade dos seus tempos e que seguem impulsionando estudos até os dias atuais.

Gramsci contraria a proposta de educação escolar visando especificamente a profissionalização para atendimento ao mundo do trabalho; ao contrário, argumenta em favor de um modelo educação escolar que busque privilegiar a formação para a vida, a partir da prática social, conforme analisa Medeiros (2019). O autor não se opunha à formação específica; todavia defende a educação ampla como necessária até uma fase de maior maturidade do discente, fase em que alcança maior clareza e autonomia para decidir acerca da sua profissão. Por esta razão a formação para a vida deve anteceder à ânsia pelo preparo à atividade laboral, complementa Medeiros (2019).

⁶ Por Dilva Frazão. Biblioteconomista e professora Fonte: https://www.ebiografia.com/paulo_freire/ Acesso em nov.2024

⁷ Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/30/especialistas-apontam-muitos-desafios-para-a-classe-trabalhadora-neste-1o-de-maio> Acesso em nov.2024

Gramsci propõe uma escola desinteressada, que inicialmente não objetive corresponder os interesses imediatos do processo produtivo. Neste sentido, a escola desinteressada visa a promoção de uma educação integral – aqui entendida a partir do conceito marxista, uma formação omnilateral⁸, a qual tem o trabalho como princípio educativo com fins a uma formação humana emancipatória, que visa “todos os lados ou dimensões” conforme frisa (FRIGOTTO, 2012, p. 265)

A formação na perspectiva integral a qual Gramsci atinge é a mesma que ele busca continuamente manter como princípio. Assim, embora no cárcere por um longo período, realizou a escrita de trinta e cadernos⁹. A miséria dos camponeses italianos em razão da precariedade de condições sociais foi a motivação para seus escritos e sua luta em favor de uma educação socialmente igualitária, unitária, a fim de que o Estado garantisse o acesso para todos os homens aos conhecimentos científicos e culturais, considerando que identificava a todos como seres capazes de dirigirem seus próprios destinos.

Em Freire se tem uma obra completa, que integra as temáticas debatidas e defendidas nas esferas da Filosofia e da Sociologia da Educação. Isso significa que Freire não se reduz a sua produção referente ao método de alfabetização. Suas constituições teóricas avançam e às construções de pensamento que o autor organizou e publicou, além da alfabetização, enriqueceu de conhecimentos a educação com temas obre “Círculo de Cultura”, currículo, críticas à educação bancária, em defesa da liberdade. Sua produção foi voltada para proporcionar a capacidade criativa que determina as condições de existência do cidadão por meio do desenvolvimento de consciência crítica da realidade.

Gramsci e Freire oferecem uma perspectiva rica e crítica sobre a educação, a cultura e a luta por uma sociedade mais justa por meio da transformação protagonizada pelo homem. Os pensadores enfatizam a importância da conscientização para que ocorra a transformação social. Ambos compartilham a ideia de necessidade da leitura crítica do homem ante das diversas situações sociais, o que, em suas visões, ultrapassa o sentido coloquial dos textos. Destaca-se, então, que os autores não se referiam às formas convencionais de leitura (literal, reflexiva, rápida, silenciosa, em voz alta, automática, técnica, etc.), mas ao que o ser humano

⁸ Esta categoria se baseia nos estudos de Marx em que considera a centralidade do trabalho como princípio educativo, embora seja contraditória a dimensão histórica em que o trabalho tem se apresentado na sociedade capitalista. Fonte: MARX, Karl. Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844. Lisboa: edições 70, 1989.

⁹ Publicados sob os títulos: “Intelectuais e a Organização da Cultura”; “Cartas do Cárcere”; “Literatura e Vida Social”; “Notas sobre Maquiavel, a Política e o Estado Moderno”; “O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce”; “O Resurgimento” e; “Passado e Presente”.

é capaz de ler e interpretar por meio da elaboração do pensamento crítico.

A concepção ampla de leitura incorpora imagens, gírias, verbetes, duplo significado de palavras, ou novos significados lexicais, ideologias, expressões verbais ou não verbais, entre tantas. Para estas diferentes formas de ‘textos’ e ‘contextos’ é que, na visão dos pensadores, é defendida a leitura crítica como um caminho para a libertação, na medida em que permite a emancipação intelectual e social do sujeito.

Entre as reflexões de Gramsci encontra-se o diálogo sobre a filosofia da Práxis. Nesta, o teórico considera o potencial analítico acerca da realidade social. Este pensamento se articula com a filosofia da libertação, à luz de Freire, quanto a forma de transformar o ser humano oprimido em livre. Tais aproximações são refletidas à luz das relações entre leitura crítica à formação humana na perspectiva da educação integral e, desta forma, à liberdade, segundo Gramsci e de Freire (1921-1997). Não atoa ambos os teóricos se destacam como os maiores pensadores marxistas da geração atual. Ambos contextualizaram o poder do Estado, enquanto agente coercitivo, que cerceia ou inibe a possibilidade do cidadão pensar consciente, crítico e libertado das suas violências.

O conceito de ‘liberdade’, defendido por Paulo Freire inclui o sentido do homem emancipado quanto às suas condições de vida em sociedade e, desta forma, conscientemente livre das práticas de dominação. Diferente da liberdade enraizada na sociedade pelo viés neoliberal, que relaciona a liberdade a promessas inspiradas em livros de autoajuda, que direcionam o homem para fora das ‘prisões’ de ordem física, emocional, espiritual, econômica, entre outras. Nestes segundo modelo de discursos em prol da liberdade, o que se tem é uma propaganda de incentivo à venda de produtos e/ou serviços que fomenta a indústria de consumo em razão da ‘fome’ criada no ser humano pelo capital, incutindo necessidades artificiais e incitando a avidez por saciedades materiais.

Além de mobilizações comerciais encontra-se, também, o afã capitalista por expressar pensamentos e ideologias que condicionam comportamentos e motivam atitudes de competição entre seres humanos, que se volta contra outros seres humanos, tendendo a uma análise – quase irracional – no espectro dos posicionamentos políticos e religiosos (fundamentalmente); desse modo, os sujeitos, quase sempre manipulados por agentes externos, agem verbalmente de forma violenta por meio do discurso de ódio, veiculado, sobretudo, nas mídias sociais. Esse conceito de ‘liberdade de manifestação do pensar’, por vezes introjeta na sociedade a banalização das relações sociais, incentivando crimes como os tipificados pelo Código Penal, a exemplo da Lei nº 7.716/89 (BRASIL, 1989) que trata da ‘injúria

preconceituosa'.

Ao tratarmos do crime de ‘injúria preconceituosa’, legal e legitimamente identificada como crime de ódio que abrange desde a intolerância religiosa, o racismo, a homofobia e/ou a xenofobia, em que a agressão contra a honra de sujeitos diversos – em razão de suas características sociais, físicas ou morais – fere o direito à liberdade conquistada de expressar pensamentos, traz a necessária postura de resistência para não calar, denunciar, resistir, combater.

Contextualizando os conhecimentos acerca da filosofia da práxis e da libertação acena-se para a possibilidade de formar seres humanizados para a sociedade, educados para combater as diversas violências reais e/ou simbólicas praticadas no cotidiano contemporâneo. Assim, Gramsci e Freire defendem que a educação não deve ser um ato de imposição de conhecimento, mas de construção conjunta, em que o sujeito se torna capaz de interpretar criticamente sua realidade e, assim, participar ativamente da sociedade. Para eles, a leitura crítica é um passo fundamental para que o homem se perceba como sujeito de sua história, promovendo uma educação que não só informa, mas transforma.

Hegemonia, consciência crítica e liberdade.

As análises gramscianas sobre a hegemonia cultural e o papel da educação na formação da consciência crítica estão entre as mais estudadas e discutidas entre os educadores contemporâneos. Segundo o filósofo Sardo (1982), por meio das condições materiais é que os homens se organizam em sociedade, criam suas leis e seus costumes e estabelecem as relações concretas a partir do trabalho. São essas condições que oportunizam que o ser humano se organize em sociedade, reproduza, crie e recrie mecanismos sociais, dentro dos quais eles mesmos estão inseridos. Este movimento é o que constitui a cultura e é por seu intermédio que os intelectuais estruturam suas relações e crenças.

Nesse contexto surge o poder da direção moral e intelectual exercido por alguns homens na sociedade, cujo engajamento possibilita a manutenção da classe dominante. Mas, é também no mesmo contexto que a luta contra este poder se constitui, cunhada por Gramsci de contra hegemonia. No entanto, é fundamental entender que para Gramsci, o intelectual não se destaca ou se define em razão da posição em que ocupa no mundo do trabalho.

O erro metodológico mais difundido [...] é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto geral das relações sociais. Na verdade, o operário ou proletário [...] não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual

ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais [...] E já se observou que o empresário, pela sua própria função, deve possuir em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais gerais que caracterizam efetivamente a posição do empresário na indústria. (GRAMSCI, 2000a, p. 18).

O autor comprehende o intelectual a partir da função que este desempenha na luta pela hegemonia. Logo, diz muito mais quanto às funções exercidas pelo ‘intelectual’ que assume sua posição de direção à dominação. Para Gramsci, “[...] todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 2000a, p. 18). Assim, um agricultor que não possui a formação escolar ou é pós-doutor em economia pode ser considerado intelectual. No pensamento de Gramsci a educação deve ser um processo de conscientização que leva os indivíduos a questionarem e entenderem suas realidades, promovendo uma transformação social efetiva.

De igual forma, para Freire (2013), as capacidades teórica e intelectual do trabalho necessitam associarem-se a um compromisso político intencionado à transformação da realidade opressora da sociedade e do capital com foco na formação de uma sociedade justa e democrática. Desse modo, o autor defende uma formação teórica que favoreça a construção da consciência crítica, para a qual é necessária também a ação para que ocorra a transformação almejada “[...] a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2013, p. 24).

Ambos os intelectuais apresentam a educação como um potencial transformador para a sociedade e um imprescindível redutor as desigualdades sociais.

Gramsci acredita que, por meio da construção de uma contra hegemonia, as classes subalternas podem contestar a ordem social e política dominante, promovendo uma transformação estrutural.

Freire, ao enfatizar o diálogo e a conscientização, vê na educação um caminho para que os oprimidos desenvolvam uma nova consciência de si e de sua capacidade de ação. Esse processo fortalece o sentimento de agência, fundamental para que o indivíduo se sinta capaz de provocar mudanças na sua realidade. Para o educador brasileiro a consciência crítica pode ser direcionada por meio da educação, enquanto indutora do processo pelo qual os oprimidos tomam consciência de sua realidade de modo a transformar as estruturas que mantêm a opressão. Freire assinala que educação deve desenvolver essa consciência, transformando o aluno de um sujeito passivo para um agente ativo e crítico, capaz de questionar e mudar sua

própria realidade.

No diálogo entre os dois autores em tese, temos o movimento que se dá por meio da consciência crítica adquirida pelo oprimido. A partir dessa consciência o oprimido ascende à condição de intelectual e pode, ao exercer a sua função na sociedade, agir em prol da contra hegemonia cultural a fim de transformar a sociedade.

Para Freire a educação deve ir além do que sistematiza o papel da escola para que através do currículo a formação possa ecoar não simplesmente o acesso ao conhecimento a ser incorporado ao mundo do trabalho. Para o autor, a escola deve atuar para além, favorecendo a aquisição do conhecimento amplo a fim de proporcionar a participação na vida pública e através dela transformar o meio social.

A alfabetização e a educação, de modo geral, são expressões culturais. Não se pode desenvolver um trabalho de alfabetização fora do mundo da cultura, porque a educação é, por si mesma, uma dimensão da cultura. Parece-me fundamental, porém, na prática educativa, que os educadores não apenas reconheçam a natureza cultural do seu que fazer, mas também desafiem os educandos a fazer o mesmo reconhecimento. Reconhecer, contudo, a natureza cultural da educação não significa abençoar toda expressão cultural, mas reconhecer que a própria luta pela superação do que Amílcar Cabral chamava fraquezas da cultura passa pela assunção da própria fraqueza. Daí que a educação deva tomar a cultura que a explica, pelo menos em parte, como objeto de uma cuidadosa compreensão, com o que a educação se questiona a si mesma. E quanto mais se questiona na cultura e na sociedade em que se dá, tanto mais vai se tornando claro que a cultura é uma totalidade atravessada por interesses de classe, por diferenças de classe, por gostos de classe. (FREIRE, 1990, p. 33)

No trecho de Freire é possível rever o pensamento que Cabral, que defendeu acerca do sentido ampliado da leitura a fim de buscar a prática do entendimento da leitura do mundo em suas várias formas de representação (escrita correspondente à linguagem verbal ou não verbal). E uma vez que o homem se torna capaz de ler o mundo compreendendo as suas várias formas de linguagem e comunicação, buscando lê-lo, está atingindo a consciência crítica (que é um momento constante e que reage a cada ação do mundo em contínua comunicação) direcionada à "liberdade". Neste diálogo é possível analisar um entrelaço entre a "liberdade" em Freire e; a "hegemonia" em Gramsci que, apoiando-se em seus contextos históricos, políticos e sociais diferentes, proporcionam uma nova forma de interpretar paradigmas culturais eminentes no contexto atual brasileiro.

Dentre estes paradigmas destaca-se na Educação, por exemplo, a questão do empreendedorismo. Segundo definição da Endeavor¹⁰, rede global de fomento ao

¹⁰ Por Fernanda Martinez, G1 – Fonte: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/noticia/2022/05/26/o-que-e->

empreendedorismo, o termo se refere à disposição para identificar problemas e oportunidades e investir recursos na criação de um negócio que seja capaz de gerar mudanças e um impacto positivo.

Este movimento conhecido por ‘empreendedorismo’ sugere a importante análise das intenções que apontam para o grande benefício do lucro, oferecendo vantagens com argumentos à obtenção de melhoria de vida pessoal e do negócio local, ou seja, social. Observa-se que o empreendedorismo é um dos maiores movimentos da sociedade atual e está presente na educação escolar como um conhecimento que resulta para além da vantagem individual do lucro; segundo os economistas do capital, também gera empregos e estimula a economia.

O empreendedorismo implica em um novo padrão no mundo do trabalho e vem orientando comportamentos, políticas públicas em educação, fazer docente e outras áreas além da educação. Esta nova forma de ver o mundo também influencia à desconstrução de conquistas políticas muito duramente alcançadas como, por exemplo, os direitos do trabalhador a partir da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Esses direitos significam a garantia da remuneração mensal, horários fixos regulamentados, direito a férias programadas, 13º salário, entre outros benefícios como vale-alimentação ou refeição e plano de saúde. O empreendedorismo rompe com esses preceitos do trabalho regulamentar e insere um modelo em que o negócio passa a ser uma iniciativa individual cujo sucesso depende exclusivamente do indivíduo, que arca com seus ônus e bônus, sem as garantias previstas no mercado formal. A realidade impressa nesse novo modelo de mercado é importante ser analisado à luz de uma leitura crítica, visto que tal modelo retira do Estado a responsabilidade pelo trabalhador e impõe ao mesmo o mérito pelo sucesso ou fracasso. Pensar criticamente é caminhar na direção da liberdade defendida por Freire.

No contexto brasileiro surge a expressão “libertação” utilizada por Freire a fim de reforçar, sobretudo, o anseio de liberdade diante do cenário de ditadura militar (1964-1984), no qual o país se encontrava até o início dos anos de 1980. No entanto, indo além deste período que inspira a ânsia de livra-se da opressão política, há a ânsia pela liberdade diante de um contexto histórico de lutas contra o colonialismo, em seu sentido mais amplo, as quais no Brasil seguem sendo objetos de resistência até os nossos dias. Neste sentido evidencia-se o nexo do pensamento de Gramsci; no seu pensamento a hegemonia cultural é direcionada para a perspectiva da força popular. Tal força prevê a iniciativa da ação dos intelectuais, com vistas

a uma conquista plena da democracia.

Muito mais do que atribuir uma harmonia no campo da linguagem, as formulações teóricas e de perspectivas sociopolíticas buscam a liberdade por meio da hegemonia cultural defendida por Gramsci e, à luz de Freire, que sugerem aos educadores a ânsia por concretizá-la em suas práticas político-pedagógicas.

Traçando um diálogo entre hegemonia cultural e o papel dos intelectuais na educação conscientizadora advogada por Gramsci é possível fazer aproximações ao pensamento de Freire quando este apresenta, por meio da Pedagogia do Oprimido, a importância de uma educação que seja libertadora. Nesta, educadores e educandos participam de um processo de diálogo e reflexão crítica. Freire critica as abordagens bancárias da educação, nas quais o conhecimento é simplesmente depositado nos alunos. Além do diálogo e da conscientização defendidos no método de alfabetização sob um olhar interdisciplinar e na perspectiva de uma educação integral, Freire também apresenta a importância da práxis, por meio da qual a prática deve estar ligada à reflexão crítica. Para o pensador, a ação e a reflexão (práxis) são fundamentais na formação de uma consciência crítica para a ação transformadora na sociedade. Numa perceptível convergência, tanto Gramsci quanto Freire, ambos compreendem a educação como ferramenta de transformação por meio da qual a conscientização e a reflexão crítica são essenciais para que os indivíduos possam entender e refletir sobre a realidade social e desafiar as estruturas de poder.

Os conceitos de Cultura e Educação caminham de mãos dadas para os pensadores em questão. Se por um lado Gramsci discute a cultura como um campo de luta, Freire aborda a cultura como um espaço de diálogo. No entanto, ambos reconhecem que a educação deve estar profundamente enraizada na cultura e nas experiências dos discentes. É comum nas obras de ambos os autores a importância da ação coletiva. Os pensadores sugerem que a transformação não é um ato isolado, mas um esforço coletivo. A construção de uma nova hegemonia ou uma prática pedagógica libertadora depende da participação ativa e consciente dos indivíduos. Ambos os pensadores veem a educação como um caminho para a emancipação social.

Para Gramsci, o papel dos *intelectuais orgânicos* é crucial, pois eles ajudam a articular os interesses e as visões da classe trabalhadora, contrapondo-se à hegemonia cultural dominante. Isso permite que a classe trabalhadora desenvolva uma visão alternativa de mundo, promovendo uma contra hegemonia que desafie a ordem estabelecida.

Freire compartilha a visão da educação como libertadora, mas enfatiza que a prática

educativa deve ser um processo dialógico e horizontal contrastando com o modelo que chamou de ‘educação bancária’, na qual o professor deposita conhecimento nos alunos. Freire argumenta que a educação verdadeira ocorre quando professores e alunos aprendem juntos, construindo conhecimentos por meio de uma troca mútua. Essa abordagem fortalece o empoderamento dos alunos e, assim, rompe com as estruturas autoritárias e reproduutoras de desigualdade social. Destaca a transformação do oprimido que, por meio da cultura, intelectualiza-se e, mediante o processo, experimenta a grande mudança no sentido emancipatório; nesse processo o trabalhador migra da condição de violentado pelos reveses da opressão para um lugar de ator político e, desta forma, torna-se sujeito de práticas de transformação.

O fazer docente

Este trabalho busca inquietar, sobretudo, o fazer docente, desde as suas leituras, estudos, comportamentos e inspiração aos discentes. Esta reflexão quanto ao papel do docente há que ser observada na relação do mestre em relação ao seu discípulo numa ação de sinergia, cuja troca de saberes e experiências são também alvo de análises e reflexões.

Neste sentido, cumpre dialogar com a teoria e prática quanto a Filosofia da práxis e Filosofia da Libertação cujo articulador essencial é a possibilidade da transformação social.

Destaca-se quanto a formação crítica do discente também quanto a relação com o docente. Respeitadas as diferenças em suas construções, formações e experiências, quando trata-se de praticar o pensamento crítico é fator primordial compreender que as diferenças poderão existir entre ambos e, desta forma, a permissão para pensar diferente e oportunizar com que as partes falem e se escutem.

Este debate cumpre resgatar também a negação da práxis pedagógica numa perspectiva alienada em que a relação docente e discente reproduz um vínculo semelhante ao de domínio, por meio do qual prevalece o saber do mestre e o discípulo sujeita-se ao controle da subalternidade, a qual tanto descartamos. Outrossim destaca-se o necessário reconhecimento da trajetória e do saber do professor que, por esta razão, é o orientador ao aprendizado do aluno. E, enquanto orientador, direciona-lhe o caminho e mostra-lhe o trajeto mais simples para driblar obstáculos, devendo ao discente decidir o percurso que irá caminhar.

Esta breve reflexão buscar trazer uma inquietação e não se encerrar neste trabalho.

Considerações finais

Os pensamentos de Gramsci e Freire, juntos, oferecem um entendimento da relação entre educação, cultura e política. Suas ideias convidam a refletir sobre a função da educação na sociedade contemporânea e o papel de educadores e educandos na luta por transformação social em prol da justiça e da equidade. Essa abordagem crítica e dialógica é fundamental para a formação de uma sociedade mais justa e consciente. Para tanto, outorga-se este ensaio em favor da formação humana a fim de que o homem se liberte da exploração do próprio homem.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Extensão e comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997a.
- FREIRE, Paulo; SHOR I. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo; MACEDO Donaldo. **Alfabetização. Leitura do mundo. Leitura da palavra.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro(RJ): PAZ E TERRA, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro(RJ): PAZ E TERRA, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira.** Recife(PE): S/Ed., 1959.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, v. 2 - Antonio Gramsci: os intelectuais. **O princípio educativo:** jornalismo. Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- GRAMSCI, Antonio. **A Alternativa Pedagógica.** Porto Alegre(RS): Artes Médicas, 1993.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História.** Rio de Janeiro(RJ): Civ. Brasileira, 1968.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos.** Volumes I e II. Lisboa(PT): Seara Nova, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e Vida Nacional.** Rio de Janeiro(RJ): Civ. Brasileira, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro(RJ): Civ. Brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro(RJ): Civ. Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. Socialismo e Cultura. In. **Escritos do Nuevo Ordem.** Turim (IT): PSI, 1914-1918.

MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Fábulas para se ler além da escola.** 1. edição. Itapiranga: Editora Schreiben, 2024. 124 p. E-book disponível em: <https://www.editoraschreiben.com/livros/f%C3%A1bulas-para-se-ler-al%C3%A9m-da-escola> Acesso em abril de 2024.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **A reforma do Ensino Médio:** estudo crítico da lei nº 13.415/2017. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2021.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida:** do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.